

APRESENTAÇÃO

Um novo, inesgotável e apaixonante campo tem atraído o interesse dos historiadores a partir da década de 1970. O estudo da História dos esforços coletivos para o desenvolvimento da Saúde e defesa da Vida e das populações, desde a antiguidade aos tempos contemporâneos.

Por si mesmo é um campo de análise multidisciplinar, da interação entre idéias da Saúde Pública, da criação de organizações para levar adiante tais idéias e sua concretização, de suas conseqüências sociais e demográficas, do avanço da História da Medicina, da Farmácia.

Nele estão incluídas ainda as pesquisas sobre as construções sociais e culturais da Doença e de sua visibilidade, da análise das campanhas de Saúde Pública, da interpretação social e demográfica dos dados relativos às atividades da Saúde Pública, das diferenças sociais, das atitudes e dos imaginários ante a Doença e ante a Morte, da História mesma cada Doença, etc.

O primeiro que impulsionou as pesquisas sobre a História Nova da Morte foi seguramente Philippe Ariès em seus *Essais sur la Mort en Occident, du Moyen-Âge à nos jours* (Paris: Le Seuil, 1975). Foi ele quem inventou a morte oculta na reflexão etno-antropológica, quem mostrou de forma genial as mudanças de atitude ante a morte no ocidente cristão. Ariès emprestou o melhor pensamento elaborado ao gesto e à plástica, unindo a observação do presente à análise de um cenário milenar.

A Demografia Histórica da época dos pioneiros, como Jean Meuvret ou Pierre Goubert, era também uma Demografia da Morte e foi por isso também que essa ciência exerceu um papel de primeiro plano na renovação desses estudos, começando por contar os mortos, para em seguida estudar os mortos em vários planos. Veja o belo livro do demógrafo-historiador François Lebrun. *Les hommes et la mort en Anjou aux XVIIe et XVIIIe siècles* (Paris: Seuil, 1971). Mas um estudo serial, estatístico, centrado em vasto campo documental é de Michel Vovelle. *Piété baroque et déchristianiation en Provence au XVIIIe siècle* (Paris: Plon, 1973). Vovelle descobriu um documento e sua utilização. O testamento revelou com ele, para a História religiosa inicialmente, e a História Social em sentido amplo, o equivalente ao registro paroquial para a Demografia Histórica. Com o testamento não era mais a morte contada, mas a morte sentida, a morte na sensibilidade dos homens que surge, os ritos funerários e a primeira consciência dolorosa de cada um que sabe que vai morrer.

Seguindo o estímulo de ambos, Pierre Chaunu oferece sua monumental *La mort à Paris, 16e, 17e, 18e siècles* (Paris: Fayard, 1978), que busca resgatar uma

teoria da morte cristã (com a dinâmica do Julgamento final, as hesitações ante o Purgatório, a lição das tumbas, a morte dos outros, o massacre dos inocentes, a peste, a fome, os Hospitais de Paris, a "Ars Moriendi" etc.).

A década de 1970 vê ainda em Paris o novo interesse pela História das epidemias e dos avanços médicos. Um grupo de notáveis, sob o impulso de Fernand Braudel, então Presidente da École Pratique des Hautes Etudes VI e section, organiza uma pesquisa sócio-médico-epidêmica que resultou na obra coletiva *Médecins, Climat et Epidémies à la fin du XVIIIe siècle* (Paris: Mouton, 1972), assinada por J.P. Goubert, E Le Roy Ladurie, J.P. Desaiave, dentre outros. Poucos anos depois o médico e demógrafo-historiador Jean Noel Biraben publica seu vasto trabalho de longa pesquisa, em dois volumes, *Les hommes et la peste en France et dans les pays européens et méditerranéens* (Paris: Mouton, 1975). Um número especial dos *Annales, ESC*, é inteiramente dedicado às novas áreas de pesquisas interfaces: *Médecins, Médecine et Société en France aux XVIIIe et XIXe siècles* (n. 5 sep-oct, 1977).

O impulso inicial estava dado. Na década de 80 o leque de trabalhos abre-se ainda mais. François Lebrun escreve *Se soigner autrefois. Médecins, Saints et sorciers aux 17e et 18e siècles* (Paris: Messidor, 1983). O corpo e as doenças são explorados relacionando-se a ordem biológica à ordem social. É o indivíduo que é doente; mas ele é doente aos olhos da sociedade de sua época e em função dela e segundo as modalidades que ela fixa. O campo das representações coletivas ante a Doença e o doente formam sua realidade social, como percebe por exemplo C. Herzlich e J. Pierret. *Malades d'hier, Malades d'aujourd'hui. De la mort collective au devoir de guérison* (Paris: Payot, 1984).

Neste limitado espaço, só é possível indicar estas poucas linhas francesas.

Mas a nova tendência está atuante nos grandes centros de pesquisa da Europa e da América do Norte e de outros países.

No Brasil, a história dos saberes médicos em nossa sociedade capitalista foi brilhantemente inaugurada com o grupo de Roberto Machado, no Rio em sua clássica *Da Nação da Norma*. (Rio de Janeiro: Graal, 1978) seguida pela obra de Jurandir Freire Costa. *Ordem Médica e Norma Familiar* (Rio de Janeiro: Graal, 1979). O historiador baiano João José Reis inaugura a história das representações coletivas sobre a morte com sua obra: *A morte é uma festa – ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX* (São Paulo: Cia. das Letras, 1991). No CEDHAL criamos, desde 1993 um Projeto coletivo e multidisciplinar: **Saúde, Doença e Morte na História Social do Brasil**, integrado por uma equipe de cinco pesquisadores.

Com interesse criado pela nova História da Saúde, do Doente, da Doença, da Morte e do Corpo, para responder aos esforços de vários países e à necessidade de troca de idéias e experiências foi criado em 1993 o INHPH (The International

Network for the History of Public Health), com 70 membros fundadores, de 16 países, sendo 2 do Brasil.

Estando pois disseminado o campo de pesquisas sobre amplo espectro de análises em torno do tema, a REVISTA DE HISTÓRIA decidiu dedicar este número a essa área.

Os artigos aqui reunidos são uma amostra eloqüente da multiplicidade de enfoques que a temática comporta, e que não deixa de ser um convite para novas pesquisas, com novos enfoques para o avanço de nosso conhecimento sobre um setor pouco explorado até aqui pelos historiadores nacionais.

Maria Luiza Marclio